

Maria das Graças Rafael Pereira

O Cálice Sagrado e o despertar da Aurora

2ª edição

Edição do autor

2018

Sumário

Apresentação	5
... Oferecimento	8
Agradecimentos	9
Capítulo I	10
Diante do altar da alma... e elas silentes, fiéis companheiras depositam segredos	10
Capítulo II	13
Diante da morte	13
Capítulo III	20
Constatando a visita de um anjo.....	20
Capítulo IV	28
Buscando abrigo na cidade	28
Capítulo V	43
Burilando o ser	43
Capítulo VI.....	57
Travando relacionamentos mais íntimos.....	57
Capítulo VII	62
Diante das evidências	62
Capítulo VIII.....	67
Visitando o Velho mundo... na solidão do mosteiro... ..	67
Capítulo IX	71

O desenrolar da trama no seu cotidiano	71
Capítulo X	90
Na solidão do Mosteiro	90
Capítulo XI	96
Vivendo cada dia com seu mal.....	96
Capítulo XII	114
Antiguidade grega... o berço da civilização... ..	114
Capítulo XIII	121
Visitando a Terra Santa	121
Capítulo XIV	130
Nos afazeres do dia a dia	130



Apresentação

A obra que ora ofereço ao leitor é como tantas outras, uma obra de ficção. Os personagens enredados nesta trama, com exceção da narradora, esta humilde escritora que vos fala, são frutos da imaginação dela.

Fazendo uso do verbo do qual sou verdadeira apaixonada desde os tempos de menina, na mais tenra idade, quando ainda cursava os primeiros anos de formação escolar, éramos solicitados a compor verdadeiras páginas de literatura infantil.

Este exercício me acompanhou por toda minha vida de estudante e o amor aos livros e a busca do conhecimento tem sido uma constante em minha vida até os dias atuais.

Deus me cumulou com talentos vários, e a habilidade para contar histórias, escrever poemas e

contos é por mim largamente multiplicada. Os leitores poderão questionar o longo período que se dá desde o início desta história e sua retomada períodos mais tarde. Confesso sim que vivi um tempo onde a aridez criativa me visitou... Foi um período escuro em que mergulhei meu espírito sem saber quando seria possível voltar novamente para a luz. Talvez tenha eu também provado da noite escura da alma como nos apresentou nos mais lindos versos por mim lidos até agora, do meu tão querido poeta cristão São João da Cruz. Este escritor é para mim uma dádiva dos céus e suas palavras caem no mais profundo âmago do ser.

Foi então que, um dia como que por acaso, este texto que até então se encontrava arquivado, não somente na minha pequena biblioteca, mas também em alguma parte do meu cérebro, apareceu em minhas mãos.

Tomei-o e comecei a ler retomando os momentos que então descrevia. Senti que poderia continuar a tecer uma trama que acabaria por transformar tantos corações em conflito. Contei com o apoio fraterno de vários amigos. Apostaram em mim e aguardaram em silêncio o desfecho de tudo.

Agora é momento de festejar e este júbilo quero compartilhar com todos os que acreditaram nas minhas possibilidades e torceram para o sucesso final.

A obra está concluída e resolvida na minha psique. Desfruto de grande alegria e certeza do apoio divino, principal em minha vida.

A autora

... Oferecimento

aos meus pais, Sebastião Raphael Pereira e
Liciéria Luiz Pereira (*in memoriam*)

Agradecimentos

... aos anjos que me acompanham nesta caminhada.

Um agradecimento especial a João Humberto Vanin, psicoterapeuta e hipnólogo que com carinho, dedicação e bondade me auxiliou nesta empreitada, fazendo-se presente sempre que solicitado, promovendo cisões e suturas nos momentos exatos aonde uma cirurgia da alma era necessária, sondando e promovendo os liames da psique, e a Deus, motivo maior e real da minha existência...



Capítulo I

Diante do altar da alma... e elas silentes, fiéis
companheiras depositam segredos

Porque todos nós ajudamos a cravar os
pregos que lhe dilaceravam a carne nua. Porque
todos nós sorvemos aquele sangue precioso.
Aguardávamos como o melhor dos licores, o
bálsamo salutar de nossas almas.

Éramos todos cúmplices no final.

se calaram as vozes...

... e elas silentes, fiéis companheiras guardam em si segredos que nem o tempo pode revelar. Falo agora às pedras, essas fiéis companheiras. Gostaria de falar aos peixes, pois, sei que também eles como elas, depositários dos mais profundos segredos, no labirinto profundo das águas, não falam, apenas ouvem o que nós e o universo em um desejo ardente como algo em expansão muitas vezes em uma verdadeira catarse murmuramos em confissão segredos mais íntimos.

Nada pedem elas. Apenas se deixam sugar, como a mãe que oferece o peito aos filhos, as pedras, umas maiores outras menores, nas mais variadas formas e cores e tipos conhecem todos os segredos da humanidade. A todos ouvem passivas carregando em si o peso dos conflitos, dos desatinos dos homens.

E agora eu também estava ali no meu silêncio sepulcral rodeada por elas sem ao menos saber o que se passava ao redor ou no mais além, até que minha alma ousou perguntar-se o porquê de tudo aquilo. Mas eu sabia que perguntas viriam, mas que as respostas também não deveriam ser buscadas num primeiro momento.

Era preciso esperar, aguardar no silêncio da alma. Era preciso aprender com elas no jogo da sedução que não se explica, mas que apenas se embriaga e se entrega de corpo e alma.



Capítulo II

Diante da morte

Novembro de 1997. É primavera e o sol como astro rei perdendo a timidez brilha com mais e mais força espalhando sua luz e numa explosão do ego inebria o universo. Os pássaros cantam alegres e elas, as árvores, suas eternas namoradas ou mães lhes emprestam o colo para que, como crianças numa ciranda inconsciente num alegre folguedo, possam aninhar-se e também encher o espaço com seu alegre cantar. Fico pensando se não será o efeito "el ninho" que tem provocado alterações climáticas fazendo com que essa, exatamente essa estação esteja um pouco mais aquecida do que o costumeiro.

Estou assim ouvindo o gorjeio dos pássaros, sentindo o cheiro do verde quando de repente

parece que uma delas, sim o simples fato da sua presença suscita um mundo, um turbilhão de sensações escondidas não, mas apaziguadas que num crescente me leva a querer sair para fora num bailado gigantesco como se fora uma mandala desenhada ponto por ponto, reta por reta, num círculo contínuo e por vezes recorrente, até que esgota-se em si mesmo e me leva a novas dimensões.

Sinto o soprar suave do vento em meu corpo. Sussurros inexprimíveis e lá vou eu levada pelo divino espírito do tempo passado a viajar pela minha infância. Era bom demais ser criança e sinto que ainda é, pois, o tempo agora é outro. Percebo que sempre o foi muito, embora o ponteiro do relógio sempre ditador é que nos conduz no caminho da ilusão. Pensamos ser felizes. Achamos que a vida é isso, algo palpável, horas marcadas. E o tique-taque do relógio como senhor do tempo sempre a nos cobrar chegadas, objetivos, conquistas. Mas o tempo é senhor do tempo e é ele quem nos avisa de que podemos alçar voos sem necessariamente precisar fugir a uma realidade cotidiana.

O que acontece é que vejo tudo com maior profundidade. Onde havia raios de luz, agora há luminosidade total e onde havia trevas agora há poço profundo de escuridão. Passo a perceber minhas emoções. É tudo tão divinamente belo e gratificante que elas sem nada dizer em reverência ao espírito divino do tempo que me leva em suas asas tranquilas ensinam-me que respostas e verdade nem sempre se comungam.

Nessa caminhada diviso-me com minha morada em Minas. Relembro a infância, os passeios, as expectativas. Era tudo muito bom, porém havia muita dor. Sim, mas, o que era essa dor? Será que ela era realmente minha? Gostava de brincar girando, girando, como quem queria dar voltas no mundo. Eu me colocava então sempre à tarde, depois do banho, solitária, em uma posição em que pudesse abrir os braços e girar muito até ficar tonta, e cantava e sorria, parecia que zombava da dor que várias vezes presenciava nos enterros que éramos obrigados a assistir pois morávamos quase dentro do cemitério da cidade. Zombava também dos problemas que ouvia serem murmurados de estranha maneira da boca de meus pais, como saúde precária, desemprego, política, etc. E hoje